

A importância econômica, política, social e cultural da cidade de São Paulo não é só regional, mas também mundial. É a maior metrópole do país, abriga a sede de grandes organizações transnacionais e conta com uma população de cerca de 11 milhões de habitantes, distribuídos numa área de 1.509 km<sup>2</sup>. A estrutura político-administrativa do governo municipal está baseada na divisão da cidade em 96 distritos e 31 subprefeituras, conforme Lei n. 11.220, de 20 de maio de 1992, e Lei n. 13.399, de 01 de agosto de 2002, modificada pela Lei n. 13.682, de 15 de dezembro de 2003 (ver mapa na p. 16).

Segundo dados do Censo Demográfico do IBGE de 2000, 11 distritos municipais possuíam mais de 200.000 habitantes, sendo a maioria localizada na região Sul da cidade (Grajaú, Jardim Ângela, Cidade Ademar, Capão Redondo, Jardim São Luís, Sacomã e Jabaquara). Os distritos mais populosos, contudo, não eram aqueles com as maiores densidades demográficas: o de Bela Vista, na região do Centro, tinha a maior densidade, seguido por República e Santa Cecília, também no Centro. Na região Leste, destacam-se os distritos de Sapopemba, Vila Jacuí e Itaim Paulista; na Sul, os de Cidade Ademar e Capão Redondo e, na região Norte, Vila Medeiros (ver mapas na p. 17).

Esse contingente populacional alcançado pela capital paulista pode ser entendido pela permanência de níveis relativamente elevados de fecundidade durante boa parte do século XX, pela queda dos níveis de mortalidade da população em todas as faixas etárias e pelo intenso fluxo migratório

até os anos 70. A partir dos anos 80, o crescimento populacional da cidade registrou queda significativa, chegando à taxa de 1,2% ao ano, contra os 3,7% na década de 70. Entre 1991 e 2000, segundo dados do IBGE, a taxa média anual de crescimento na cidade ficou abaixo de 1% (JANNUZZI, 2004, p. 2).

Para abordar o crescimento demográfico na cidade de São Paulo é necessário observar como sua população se distribuiu e se fixou no território. A análise do crescimento populacional por distritos municipais, conforme dados dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, revela que as populações dos distritos mais periféricos foram as que mais cresceram: Anhangüera (13,38% ao ano), Grajaú (6,22%), Jardim Ângela (3,63%), Cidade Tiradentes (7,89%), Iguatemi (6,08%), Parelheiros (7,07%) e Brasilândia (2,30%). Já os distritos mais centrais registraram crescimento negativo: Sé (-3,29% ao ano), Bom Retiro (-3,35%), Liberdade (-2,29%), República (-2,11%) e Santa Cecília (-2,06%).

Esse deslocamento das áreas centrais (com infra-estrutura e serviços urbanos mais organizados) para aquelas mais periféricas da cidade (onde a infra-estrutura é precária e a fixação da população ocorreu por meio de loteamentos irregulares e auto-construção) foi resultado, entre outros fatores, da valorização dos preços dos terrenos e dos aluguéis. Como consequência direta dessa situação, a cidade passou por um processo de periferização de parcela de sua população de baixa renda, o que acarretou uma expansão relativa das áreas mais pobres. Conforme destaca Cunha (2006, p.15):